

A VINGANÇA DE HEROBRINE

JIM ANOTSU

A VINGANÇA DE HEROBRINE

**UMA AVENTURA NÃO OFICIAL
DE MINECRAFT**



Copyright © 2016 Jim Anotsu
Copyright © 2016 Editora Nemo

Todos os direitos reservados à Editora Nemo.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida,
seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica,
sem a autorização prévia da Editora.

A vingança de Herobrine é uma obra original de *fanfiction* de Minecraft que não está filiada a Minecraft, Mojang AB, Notch Development AB ou Scholastic, Inc. É uma obra não oficial e não está sancionada nem depende de aprovação dos criadores de Minecraft. Minecraft® é uma marca registrada de Mojang AB.

GERENTE EDITORIAL
Arnau Vin

EDITORES ASSISTENTES
Carol Christo
Eduardo Soares

REVISÃO
Renata Silveira

CAPA
Carol Oliveira (sobre ilustração de
Victória Queiroz/VicTycoon)

DIAGRAMAÇÃO
Guilherme Fagundes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Anotsu, Jim

A vingança de Herobrine : Uma aventura não oficial de Minecraft / Jim Anotsu. -- 1. ed. -- São Paulo : Nemo, 2016.

ISBN 978-85-8286-288-9

1. Ficção juvenil I. Título.

16-00661

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

A **NEMO** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** 

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional,
Horsa I, 23º andar, Conj. 2301
Cerqueira César . 01311-940
São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Carlos Tuner, 420,
Silveira . 31140-520
Belo Horizonte : MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro

Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ
Tel.: (55 21) 3179 1975

Televendas: 0800 283 13 22
www.editoranemo.com.br

Para os meus amigos:
You know who you are.
A rua é nóiz.

*Isto é sobrevivência do mais forte,
É questão de vida ou morte,
O vencedor leva tudo,
Então, leve tudo!*

— *Eminem, “Survival”*

PARTE I: A GAROTA E OS PIXELS

CAPÍTULO 1

A NOVA TRILHA

Algumas pessoas gostam de chocolates, outras gostam de rap e algumas gostam de acordar cedo no domingo — sim, eu sei que é maluquice. Eu gostava de jogos: League of Legends, World of Warcraft ou Dota, não havia um jogo que eu não houvesse jogado. Contudo, o meu favorito sempre havia sido Minecraft, horas e horas dedicadas a construir casas, aniquilar monstros e procurar comida. Pode não parecer a coisa mais legal do mundo para algumas pessoas, mas era definitivamente viciante. Foi justamente o meu vício no Mundo da Superfície que me colocou no meio de tudo aquilo, mas eu acho melhor começar do início, bem do início...

Era sempre assim: Eu saía correndo da escola, voava rua abaixo e chegava em casa em cinco minutos para jogar um pouco antes do jantar. Pegava o elevador do prédio, entrava em casa, pegava alguma coisa na geladeira — ouvia minha mãe gritar comigo porque havia deixado alguma coisa cair no chão — e corria para o computador no meu quarto.

— Bia — disse minha mãe ao me ver passar. — O jantar já está quase pronto, não demore.

Acenei para ela. — Cinco minutinhos! — respondi.

Eu geralmente demorava bem mais do que cinco minutinhos, mas se eu não jogasse naquele momento, não poderia jogar tão cedo, porque depois da hora do jantar seria a hora da lição de casa. O problema de ter 13 anos é que você está bem perto de ser livre e independente, mas ao mesmo tempo, incrivelmente longe. É como um tatu esticando os braços para tocar na Lua; não é a melhor das metáforas, mas serve para ilustrar como eu me sentia em relação aos problemas da adolescência.

Troquei minha camiseta de uniforme por uma surrada do Linkin Park e preendi meus cabelos. Liguei o computador e entrei direto no jogo, torcendo para que nenhum *griever* tivesse destruído minhas construções. Sempre achei que aquele fosse o maior problema no mundo digital: pessoas que gastavam todo o seu tempo atrapalhando o jogo dos outros, destruindo aquilo que alguém havia se dedicado a construir. Os *griefers* vinham causando muito incômodo, principalmente nos últimos dias, e jogadores do mundo inteiro reclamavam de problemas no jogo, mas nem mesmo os criadores pareciam ter respostas.

— Por favor, Minecraft — murmurei. — Deixe o meu castelo continuar existindo. Em nome do Pai Notch.

Nós últimos tempos os servidores de Minecraft sofriam com problemas inexplicáveis: Áreas inteiras do mapa que eram destruídas, hordas de monstros que jogadores não conseguiam combater e portais do Nether espalhados por todo canto. Era pior do que na época em que um jogador

griever apelidado de Rei Vermelho tentava comandar tudo. Por sorte, minhas coisas estavam intactas: o castelo que eu estava construindo, com dez torres e centenas de túneis, e o curral com vacas e ovelhas e uma cachoeira fabulosa. Havia um *creeper* rondando minha casa, mas isso era de se esperar, e eu poderia acabar com aquela coisa verde em alguns segundos.

Tudo parecia bem no meu mundo digital. Minha personagem cuidava da plantação e dos animais, um dia normal no Mundo da Superfície. A palavra “parecia” deve ser destacada porque foi naquele instante que as coisas mudaram, desandaram e saíram do controle.

A tela do computador travou, e nada do que eu fazia parecia ser capaz de alterar aquilo. Imaginei que fosse algum problema com o hardware do meu computador, mas então a tela ficou completamente verde e uma longa sucessão de números apareceu. Zeros e uns que se alongavam por toda a tela numa sequência infinita.

— MÃE, VOCÊ MEXEU EM ALGUMA COISA DO ROTEADOR? — gritei a plenos pulmões.

Dei alguns tapas na CPU, mas isso era mais placebo do que técnica. Apertei todas as teclas possíveis, mas as coisas permaneciam iguais. Foi nesse segundo, quando eu já me preparava para puxar a tomada e acabar com tudo aquilo, que o brilho da tela se tornou ainda mais forte, invadindo o quarto por inteiro e me obrigando a fechar os olhos. Aquele foi um dos segundos mais longos de toda minha vida, tudo pareceu ficar em câmera lenta. Era como nadar contra a pior correnteza, eu sentia meu corpo sendo puxado.

Gritei.

Aquele filme de horror prosseguia, meus dedos tentando se agarrar a qualquer coisa, mas impelidos por uma força invisível a se soltarem. Eu era engolfada por aquele mar de brilho verde e tudo ficou escuro enquanto eu não sentia mais nada...

```
01010101 01110011 01110101 11000011
10100001 01110010 01101001 01100001
00101100 00100000 01100001 00100000
01110000 01101111 01110010 01110100
01100001 00100000 01100100 01101111
00100000 01001101 01110101 01101110
01100100 01101111 00100000 01100100
01100001 00100000 01010011 01110101
01110000 01100101 01110010 01100110
11000011 10101101 01100011 01101001
01100101 00100000 01100101 01110011
01110100 11000011 10100001 00100000
01100001 01100010 01100101 01110010
01110100 01100001 00101110 00100000
01001100 01110101 01110100 01100101
```



NOÇÕES SOBRE O MUNDO DA SUPERFÍCIE:



O MUNDO DA SUPERFÍCIE

Por Punk-Princess166

Os blocos desse universo são tão reais quanto a terra, as pedras e a grama do mundo real. É fácil se deixar levar e achar que não existe vida nas criaturas pixeladas que caminham pelo Mundo da Superfície, mas isso seria um erro.

O dia nasce, o Sol se põe, e então vem a Lua...

E os monstros.

Estar descansado e bem alimentado é crucial quando a Lua está alta no céu, trazendo todo tipo de criatura para bater em sua porta.

Lá, tudo é feito sem martelos ou pregos, lixadeiras ou serras. Tudo que você precisa é das matérias-primas empilhadas da forma correta em uma mesa de trabalho, e assim poderá fazer algo tão simples quanto uma tigela, ou algo tão complexo quanto um suporte de poções para alquimia.

A maioria das coisas importantes são encontradas bem fundo na rocha. Ferro, carvão, ouro e diamantes, para fazer novas receitas ou espadas e armaduras para enfrentar os maiores perigos que o escuro traz.

Durante o dia, a vida pode ser normal e pacata, criando vacas, plantando, preparando bolo e colhendo ovos. Um jogador bem-preparado é um jogador feliz. Mas para se preparar precisará passar por uma série de perigos e provações. Só os mais fortes sobrevivem.

CAPÍTULO 2

O NOVO MUNDO

Foi assim que começou: Meus olhos demoraram um tempo para se acostumarem com a luz. O calor do Sol sobre a minha pele e o gosto de terra na minha boca. Eu não fazia a menor ideia de como havia parado ali, mas estava certa de que era apenas o começo dos maiores desastres e confusões.

Levantei ainda tonta e encarei o mundo diante de mim: formas quadradas que se estendiam até onde a vista alcançava, contornos que eu já havia visto várias vezes na tela do meu computador — árvores, pedras, animais e até mesmo o Sol acima da minha cabeça. Não fazia a menor ideia de como havia chegado ali, não sabia como voltar e se algum dia isso aconteceria. Mas eu estava no Mundo da Superfície e mal podia acreditar!

Olhei para aquela extensa campina e fiquei feliz de não ter caído no meio de uma floresta ou durante a noite, quando os monstros rondavam, uma vez que eu não tinha uma espada de madeira comigo. A sorte estava do meu lado, surgir num bioma agradável era o primeiro passo.

Bem, o fato é que eu não sabia que horas eram ou quanto tempo faltava para o anoitecer, por isso decidi andar numa direção qualquer e procurar algum abrigo. Aquilo era o mais importante: encontrar alguma proteção contra as criaturas que vagariam por ali quando escurecesse. Respirei fundo e comecei a andar em direção ao Sol. Tudo estava silencioso e em seu devido lugar, mas eu tinha a impressão de que as coisas não continuariam assim por muito tempo.

Eu me lembrei de como havia chegado ali: os números na tela do meu computador, a luz verde e a sensação de estar sendo puxada. Se a minha mãe tiver escutado meus gritos, provavelmente estaria em casa fazendo um escândalo e chamando a polícia, o exército e os fuzileiros navais. Por isso, era melhor que eu encontrasse um caminho de volta bem rápido.

Andei por mais ou menos meia hora, sempre em direção ao Sol (que já começava a descer um pouco — não muito, mas o suficiente para me preocupar) e recolhendo algumas frutas comestíveis aqui e ali. Elas tinham um gosto mais adocicado do que as do meu mundo e deixavam a língua dormente por um instante — não era ruim, considerando que era comida digital. Ainda estava mordendo uma maçã quadrada quando ouvi alguém gritando uma palavra feia.

Eu não estava sozinha! Larguei minha maçã e segui a voz, que vinha da minha esquerda e estava acompanhada de outro som, algo parecido com o das armas *laser* dos filmes de ficção científica.

Decidi andar em silêncio até descobrir se era um possível aliado ou inimigo. Peguei uma pedra no chão

— a pior arma possível, mas era melhor do que não ter nada — e segui os barulhos, cada vez mais próximos e audíveis. Havia um barranco mais adiante e eu me agachei perto dele para observar o que acontecia uns dois metros abaixo.

Lá estava um garoto tão humano quanto eu, de calça jeans e moletom vermelho com capuz, segurando uma grande espada de ferro na mão e investindo contra seu inimigo — uma criatura gigantesca, escura, com olhos roxos e braços longos, o monstro que assustava a maior parte dos jogadores de Minecraft: *enderman*. A batalha era violenta e o menino de capuz usava a espada com destreza, desferindo vários golpes enquanto fugia do alcance daqueles gigantescos braços.

Eu vi o momento em que o garoto girou a lâmina e cortou um dos braços da criatura. Houve um berro de dor e o monstro se teleportou para longe de seu inimigo. Uma decisão que seria contestada até o fim pelo humano, que correu até onde o *enderman* se encontrava e continuou sua sessão de ataques da forma mais furiosa e impiedosa possível. O monstro tentava ganhar distância, mas estava fraco e seus poderes não o ajudavam muito.

Foi nesse momento que a criatura desapareceu mais uma vez e eu fiquei esperando que ressurgisse ao redor do garoto, mas eu estava enganada. Escutei aquele barulho característico, como se um grande chicote estalasse no ar, e soube imediatamente: O *enderman* estava atrás de mim!

Olhei para cima e encontrei aqueles olhos roxos que brilhavam como fogo. A criatura já estendia o braço para

me agarrar e minha primeira reação foi gritar a palavra mais feia que havia no meu repertório.

Girei o corpo em desespero e rolei pelo barranco, sentindo meu corpo bater contra as pedras e a terra molhada e caindo em velocidade constante. Torci mentalmente para não quebrar muitos ossos e gritei todas as vogais possíveis e impossíveis enquanto meu corpo percorria aquele trajeto. Tudo aquilo aconteceu bem rápido, rápido até demais para o meu estômago, que ficou completamente enjoado e dando voltas.

— Droga — resmunguei quando meu corpo estacionou no pé do barranco. — Da próxima vez eu pego o elevador.

Eu ainda não havia me levantado, mas estava ciente de que o *enderman* havia voltado para perto de nós e avançava contra o garoto de capuz. Dessa vez, no entanto, as coisas encontrariam seu fim: o garoto investiu contra o monstro e deu um salto, sua espada em mãos. Meus olhos não perceberam exatamente o que aconteceu, eu ainda estava um pouco zozza e confusa, mas vi o exato momento em que a cabeça do monstro caiu pelo chão e rolou, manchando o chão com sangue escuro.

Tentei falar alguma coisa, mas a ânsia de vômito falou mais forte e decidi ficar quieta. O garoto misterioso caminhou até o cadáver do *enderman* e cravou a espada no peito da criatura, para então se ajoelhar e enfiar a mão lá dentro, procurando alguma coisa. Eu tinha uma ideia do que ele estava procurando e aguardei enquanto ele puxava uma grande pérola — uma pérola ender, a coisa que dava ao *enderman* a maior parte de seus poderes (e um tesouro valioso nas mãos do jogador certo).

Então, pela primeira vez, o garoto olhou para mim. Seus olhos não tinham muita expressão, e um sorriso era definitivamente a última coisa que passaria naquele rosto. Era um garoto de cabelos dourados e olhos claros do tamanho da Lua.

Comecei a abrir a boca para falar alguma coisa, mas minha experiência no barranco ainda estava muito fresca e a única coisa que fiz foi forçar um sorriso e apresentar para o mundo todo o conteúdo do meu estômago.

Não foi bonito de se ver e eu quase me senti envergonhada.

Quase.